

AS VINHAS DA IRA: A LEITURA HISTÓRICA DE STEINBECK ACERCA DA GRANDE DEPRESSÃO

KÖLLN, Lucas André Berno *

RESUMO: A produção literária de John Steinbeck (1902-1968) dos anos 30 estava visceralmente ligada a um longo processo histórico cujos desdobramentos culminaram na Grande Depressão. Desse modo, suas obras literárias foram escritas sob a sombra desse profundo conjunto de transformações, as quais se estendiam para muito além da economia. Como um herdeiro das antigas classes médias rurais, Steinbeck, em sua obra, nutriu-se com os valores e a experiência proporcionados pelo modo de vida cultivado por aquele grupo social desde o século XIX. Por meio desse conjunto de valores e referências morais e subjetivas, Steinbeck construiu uma leitura histórica que buscou interpretar, denunciar e retratar os problemas postos pela evolução histórica estadunidense, cujos desdobramentos eram, em grande medida, o gradativo aumento da hegemonia do capitalismo monopolista e suas ramificações por sobre os mais diversos rincões da vida social do país.

PALAVRAS-CHAVE: História; Literatura; John Steinbeck

ABSTRACT: The literary works of John Steinbeck (1902-1968) during the 30s were viscerally connected to a long historical process whose effects culminated in the Great Depression. Therefore, his books were written under the shadow of this set of transformations, that extended itself far beyond the economy. As an inheritor of the old rural middle classes, Steinbeck, in his works, nourished himself with the values and experience proportioned by the way of life cultivated by that social group since the nineteenth century. Through this set of values and its moral and subjective references, Steinbeck built a historical reading of reality, aiming to interpret, denounce and portray the problems set by the American historical evolution, whose effects were, largely, the gradual increase of the monopoly capital hegemony and its ramifications over the various nooks and crannies of United States social life.

KEYWORDS: History; Literature; John Steinbeck

Desde as abordagens mais permissivas até as mais rígidas, a literatura tem sido analisada e cotejada pela historiografia com uma frequência e um interesse crescentes. Fruto de um longo debate –que se estende até hoje – a utilização da literatura enquanto fonte e enquanto objeto de estudo da historiografia propicia discussões bastante interessantes, as quais buscaram

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

desvelar as obscuras veredas da constituição do texto literário e do texto historiográfico. Nesse ínterim, as discussões acabaram se deparando, algumas vezes, com leituras que aproximavam perigosamente um e outro ao sustentá-los como iguais.

Polêmicas à parte, o fato é que a literatura tem sido um objeto de estudo recorrente de diversos historiadores, tornando esse campo de análises um terreno fértil tanto para o conhecimento historiográfico da literatura quanto para o conhecimento literário da história. Se soma a isso, ainda, o fato de que tais investidas no terreno da literatura exigem um preparo teórico e metodológico bem construído, para que não se fique refém de leituras extremas ou castradoras, como aquela que equipara o texto literário ao texto científico; ou outra, que propõe a leitura mecânica das obras literárias através de uma suposta correspondência simétrica, absoluta e, portanto, determinista, entre uma e outra.

Se inserir nesse debate, por conseguinte, torna-se um exercício complexo, que exige: 1. aprimoramento das abordagens; e 2. diálogo empírico da pesquisa em si como demonstração dialógica das potencialidades e limitações teórico-metodológicas.

Tendo como base os dois propósitos acima mencionados - com especial ênfase no segundo - o presente texto busca, através da análise historiográfica do romance *As vinhas da ira*, do escritor estadunidense John Steinbeck, contribuir para os debates que envolvem a literatura e a história e, através deste, ampliar e aprofundar a percepção histórica do escritor acerca do conflituoso período dos anos 30 e da Grande Depressão na história dos Estados Unidos. Intenta-se aqui abordar o livro como fonte e como objeto de análise, pois se *As vinhas da ira* é um romance de grande interesse “em si” - por conta de sua complexidade e seus usos da ficção -, é também um romance de fôlego quase épico enquanto documento histórico sobre os anos 30 e boa parte de suas contradições intestinas.

Independentemente das várias concepções de literatura, dos gêneros aos quais pertencem, dos estilos de narrativos, dos usos da linguagem e dos artifícios da ficção, ela é, em primeira e última instâncias, um fenômeno humano. Isto é, é fruto da ação do homem. Por óbvia que seja essa constatação, ela se faz necessária como ponto de partida para que dela se extraiam alguns corolários que são essenciais a qualquer leitura historiográfica consistente. O primeiro deles é o fato de que sendo o homem o criador da literatura, e sendo o homem um ser histórico por natureza, não poderia ser a escrita uma exceção em relação à sua natureza histórica. O segundo corolário, derivado do primeiro, é o fato de que, sendo a literatura irremediavelmente histórica, ela não existe no vácuo, mas vinculada a um universo social e histórico dinâmico, que ajuda a moldá-la embora não a determine.

Em face disto, torna-se necessário situar o romance *As vinhas da*

ira, bem como seu autor John Steinbeck, dentro da dinâmica histórica e do conjunto de relações sociais que constituíram o universo de sua experiência, tanto em nível micro quanto macro, uma vez que ambas as dimensões constituem a experiência, e ambas as dimensões estão contempladas no romance que se pretende analisar aqui.

John Steinbeck nasceu em 1902, na cidade de Salinas, na Califórnia. A região havia sido ocupada por pequenos proprietários no século XIX, em grande parte imigrantes de países europeus, como era o caso dos antepassados de Steinbeck, que vieram da Irlanda. Tanto os pais quanto os avós de Steinbeck haviam sido pequenos proprietários rurais, e tinham constituído sua família e sua vida na terra, na qual trabalhavam e da qual eram donos.

Essa era a situação da maioria dos agricultores que habitavam a Califórnia e diversos outros estados norte-americanos. Tanto aqueles que se instalaram na Califórnia quanto os que ocuparam outros estados - desde o Meio-Oeste até à costa Pacífica dos Estados Unidos -, contavam com incentivos do governo estadunidense para sua marcha rumo aos novos territórios, gozando da prerrogativa - prometida pelo governo - de tornarem-se donos de pequenas porções de terra, desde que as ocupassem e as cultivassem por um determinado período. Sendo assim, a experiência histórica da marcha para o Oeste¹ constituiu-se na fundação de um mundo, pois não era somente a busca física de um pedaço de terra que construía a marcha, mas o conjunto de valores e vivências que se formou na jornada e que fundamentou a constituição de um modo de vida.

As dificuldades se apresentaram durante a marcha no século XIX e o assentamento das pequenas fazendas e sítios, ao construírem a infraestrutura mais básica para começarem a cultivar gêneros ou criar animais. Além da produção econômica, os pequenos proprietários estavam também lançando as bases de seu mundo e de seu modo de vida. O trabalho na terra não era somente a atividade mecânica de arar, plantar, colher e pastorear, mas também o ato ontológico de se inserir no mundo e agir sobre a natureza, moldando-a as suas necessidades de uma maneira específica. Não se formavam ali somente pequenas propriedades ou unidades econômicas, mas também um grupo social e um conjunto de valores e visões de mundo arraigados nessa situação histórica.

Por essa razão é que se dá aqui o uso do termo “mundo”: pois a experiência desse grupo social não se restringia a uma situação material em que a pequena propriedade tinha um papel primordial, mas, além disso,

¹ O movimento, denominado Marcha para o Oeste, não se refere somente ao extremo Oeste. Tomou-se como referência o Leste, onde estavam localizados os pontos com maior povoamento, mais próximos às regiões que haviam sido colonizadas, na Costa Atlântica. Tem-se por Oeste, por conseguinte, os territórios que se estendem desde o Meio-Oeste até os pontos mais longínquos do Oeste.

que arraigado nessa base material havia um conjunto de costumes, hábitos, moral, visões de mundo e valores que encarnavam a experiência histórica. Por essa razão, também, o uso do conceito “modo de vida”. Quando me refiro a esse grupo social como pequenos proprietários não quero reduzir sua existência a possuidores de pequenas propriedades rurais - embora essa seja um traço fundamental de sua existência social e histórica -, mas sim que ancorada nessa pequena propriedade existia um complexo modo de agir, de pensar e de viver.

O sociólogo Charles Wright Mills, buscando investigar o surgimento do que ele chamou de “a nova classe média”, notou que os antecedentes históricos daquele grupo social que surgia - os assim chamados colarinhos brancos - eram justamente os pequenos proprietários, pequenos empresários e pequenos comerciantes de outrora. Ao se referir especificamente aos pequenos proprietários rurais - que eram o grupo social ao qual Steinbeck e seus antepassados pertenciam -, Wright Mills chamou-os de “as antigas classes médias rurais” (MILLS, 1979, pp. 25-79). Tendo notado recorrências em suas condições materiais de vida e em suas visões de mundo, Mills referiu-se a eles em conjunto, dado que sua situação sócio-histórica era partilhada por diversos outros sujeitos em diversas outras partes do território dos Estados Unidos.

O termo “mundo”, inclusive, foi emprestado pelo sociólogo para reforçar a percepção de que a experiência histórica dos pequenos proprietários se referia tanto às condições estruturais e conjunturais que albergavam esse modo de vida, quanto à vida cotidiana e suas imediações, que existiam dialeticamente dentro desses quadros socioeconômicos. Quando se fala de “mundo” do pequeno proprietário, então, se fala desses dois âmbitos, micro e macro, que se conjugavam em dialética constante para a formação e manutenção desse arranjo sócio-histórico.

Steinbeck viveu nesse mundo durante sua infância e parte de sua juventude, período no qual, além de conviver com os contornos dessa existência, alimentou-se de seus valores e mentalidade, criando ligações poderosas com tais contingências históricas cotidianas. Tãmanha era a ligação do escritor com esse mundo que, mesmo depois de ter deixado a pequena propriedade dos pais, Steinbeck continuou escrevendo livros sobre o campo californiano, sobre a trajetória dos pequenos proprietários e sobre a beleza e a tranquilidade da vida naqueles tempos e naquelas condições.

A ligação intrínseca do escritor com esse modo de vida não era uma tendência isolada. Wright Mills, ao investigar os aspectos do mundo das antigas classes médias rurais, pôs em relevo diversos pontos que nos ajudam a compreender a origem e a força dessa ligação. Um exemplo é o trecho no qual ele fala sobre como a ligação entre trabalho, propriedade e existência era um dos componentes mais essenciais desse arranjo sócio-histórico:

trabalho e propriedade estavam ligados de maneira inseparável. A propriedade era o local e o instrumento de aplicação do trabalho; o status social baseava-se em grande parte, na extensão e no estado da propriedade; a renda derivava dos lucros obtidos com o trabalho sobre a propriedade particular. Havia, portanto, uma estreita relação entre renda, status, trabalho e propriedade. (MILLS, 1979, p. 31)

A forma como a vida estava materialmente organizada e como pensavam e viviam os pequenos proprietários não estava em contradição. Aquilo que eles faziam enquanto trabalho não impedia que eles vivessem enquanto sujeitos, pois era justamente o trabalho na pequena propriedade que se constituía no que eles eram. A identidade desse grupo social estava intrinsecamente ligada à terra e ao trabalho como ele era executado nela. Daí, portanto, a “estreita relação entre renda, status, trabalho e propriedade.”

Enquanto a dinâmica econômica do capitalismo estadunidense manteve as condições estruturais básicas para que a pequena propriedade prosperasse - processo que se dava desde o século XIX -, os pequenos proprietários fizeram seu mundo florescer e se manter estável. Foi a partir da prosperidade do mundo do pequeno proprietário que o modo de vida nele ancorado deixou marcas tão profundas nos valores e mentalidades desse grupo social, elementos esses que não se apagaram de uma geração a outra, como fica evidente no romance em análise.

A ligação do pequeno proprietário com sua terra e com o mundo nela ancorado era visceral. E foi esta visceralidade que fez com que as transformações econômicas do século XX abalassem tão profundamente sua forma de vida.

A economia estadunidense passava por transformações que se insinuavam desde fins do século XIX, e que se tornaram mais contundentes com o *boom* de crescimento econômico pós-Primeira Guerra Mundial. A ascensão e consolidação da indústria estava intrinsecamente ligada ao desenvolvimento do capitalismo monopolista e suas tentaculares extensões sobre a vida social e produtiva estadunidense. Esse processo tinha um impacto direto na situação da produção agrícola, uma vez que a industrialização não se restringia ao espaço urbano, se espalhando também pelo campo como parte de um conjunto caudaloso de mudanças.

Paul Baran e Paul Sweezy notaram a transformação histórica em curso em seu livro *Capitalismo monopolista*, escrevendo que:

Hoje[*o livro foi publicado em 1966*], a unidade econômica típica na sociedade capitalista não é a firma pequena que fabrica uma fração desprezível de uma produção homogênea, para um mercado anônimo, mas a empresa em grande escala, à qual cabe uma parcela significativa da produção de uma indústria, ou mesmo de várias indústrias, capaz

de controlar seus preços, o volume de sua produção e os tipos e os volumes de seus investimentos. (BARAN e SWEEZY, 1966, p. 16)

Embora Baran e Sweezy tenham escrito nos anos 60, sabemos que o processo de consolidação do capitalismo monopolista remonta ao final do século XIX, e que sua hegemonia foi se construindo ao longo do tempo que separa esses dois períodos. Os anos 30, nesse sentido, foram um dos momentos importantes para a compreensão desse processo histórico, justamente porque foi quando o capitalismo experimentou a crise de um modelo e de um ritmo de produção que tiveram repercussões avassaladoras para a vida social estadunidense como um todo.

As transformações econômicas que assomavam os Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX afetavam diretamente a pequena propriedade e, nesse sentido, também o mundo do pequeno proprietário. Com as dinâmicas econômicas a favorecer a produção em massa, a mecanização e a grande propriedade, o arranjo sócio-histórico fundamentado na pequena propriedade passava a ocupar uma posição distinta dentro dessa conjuntura. As condições que fomentavam a prosperidade da pequena propriedade e do pequeno fazendeiro foram minadas e destruídas em nome da grande propriedade e do capitalismo monopolista, tornando inviável a sobrevivência do pequeno proprietário.

O que pode parecer apenas uma crise econômica - como às vezes parece ser a Grande Depressão -, foi, na verdade, uma crise de desdobramentos humanos terríveis. Uma vez posta em xeque a base material do mundo do pequeno proprietário, também o foi seu modo de vida e sua sobrevivência, o que significou uma crise de valores, sentimentos, visões de mundo, hábitos e costumes. O potencial trágico de uma crise tão fulminante, ampla e profunda foi um problema sobre o qual Steinbeck se ateve com ânsia e sensibilidade.

Em meio a esse processo histórico de largas transformações encontrava-se Steinbeck, um herdeiro das antigas classes médias que, assim como seus pares, nutria-se subjetiva e objetivamente dos valores que constituíam o modo de vida naquela realidade passada. Apesar do caráter avassalador da crise - que colocava dezenas de milhares de sujeitos para fora de suas terras, condenando-os à miséria -, os pequenos proprietários não deixaram de se fiar nos valores que haviam orientado suas vidas até aquele momento. Ou seja, havia um descompasso entre a existência material desses sujeitos e suas referências históricas e subjetivas: eles não eram mais pequenos proprietários, arrendatários ou meeiros - a maioria se tornou um proletariado rural -, mas ainda mantinham a mentalidade típica daquele grupo social.

John Steinbeck é um autor emblemático nesse sentido, pois sua leitura histórica acerca da crise e das transformações que ocorriam carrega

referências a ambas as situações em choque: sua moral e sua visão estavam profundamente embebidas no mundo do pequeno proprietário, mas, ao mesmo tempo, ele não ignorava a posição que esses valores passavam a ocupar com os deslocamentos trazidos pela evolução econômica. Sua literatura - enquanto agência histórica de ânsia interpretativa - encontra-se com as bases fincadas no mundo do passado, mas existindo sob a ameaçadora sombra do presente, o espectro da crise de 29 e suas implicações (des)humanas.

A formação de Steinbeck estava intimamente ligada a esse processo, pois enquanto herdeiro das antigas classes médias rurais, ele se via obrigado a lidar com a realidade através de uma urgência distinta, muito poderosa. A família Steinbeck não chegou a perder suas terras, nem estava o escritor a trabalhar como pequeno agricultor - na terra dos pais ou alhures -, sua literatura, porém, não pode se furtar a um processo que ele sofreu com a intensidade dos laços que o ligavam àquele modo de vida e àquele grupo social: Steinbeck tomou como suas as dores, os temores e as angústias que enfrentavam diariamente os pequenos proprietários.

Apesar de ter deixado a pequena propriedade dos pais para estudar na Universidade de Stanford - onde nunca concluiu o curso de Jornalismo -, Steinbeck manteve um contato estreito com a terra e a natureza: elementos fundamentais do mundo do pequeno proprietário. Seja ao trabalhar como vigia de uma propriedade ou juntar-se aos trabalhadores rurais californianos, seja ao tomar trabalhos como *freelancer* ou isolar-se na baía de Monterey, Steinbeck não deixou de observar o mundo a partir de um ponto de vista muito singular. O contato com elementos do mundo do pequeno proprietário não era recorrente por coincidência, mas por sua conexão intrínseca com toda aquela experiência histórica coletivamente compartilhada.

Uma leitura panorâmica das obras que o escritor publicou desde o início dos anos evidencia a preocupação do autor para com os problemas postos pela evolução histórica da economia monopolista.

O primeiro romance de Steinbeck, *As pastagens do céu* (1932), se passa na Califórnia e tem como personagens os pares do escritor, pequenos fazendeiros em seu cotidiano. O mesmo se dá com os romances *Ao deus desconhecido* (1933) e *O menino e o alazão* (1933). O que singulariza essa fase da literatura de Steinbeck não é, no entanto, a presença de pequenos fazendeiros, mas a direção de seu questionamento e a forma com que constrói sua leitura histórica. Os três livros supramencionados se atêm ao mundo rural do pequeno proprietário, destacando as belezas, as quais se estendem desde a relação harmônica entre homem e a natureza, até os nuances tranquilos e humanos do trabalho e do cotidiano desses sujeitos.

A tônica que domina a leitura histórica desses livros é a da celebração do passado, o reavivar do edênico mundo perdido. Em *As*

pastagens do céu, Steinbeck cruza a história de várias famílias, buscando trazer à tona situações que expõem o caráter, o ritmo e os contornos da vida tranquila que levavam os pequenos proprietários quando de posse de sua terra e das dinâmicas de seu trabalho e de sua vida. Em *Ao deus desconhecido* o escritor explora a dimensão ontológica da ligação entre o homem e a terra de forma mística, utilizando-se das potencialidades da ficção para retratar a profundidade dessa conexão. Em *O menino e o alazão*, através do garoto Jody Tifflin, Steinbeck reúne suas próprias memórias da infância para desfraldar um panorama sobre os mistérios da vida californiana, desde os cuidados com um cavalo doente até as histórias dos antepassados e de sua gloriosa marcha para o Oeste.

A visão de Steinbeck acerca do que era o mundo do pequeno proprietário e da situação que esse grupo social vivenciou durante um longo período da história estadunidense encontram-se sintetizados na fala de um dos personagens do romance *As pastagens do céu*. Um motorista de ônibus, ao passar por uma estrada no alto de um vale, volta seu olhar para a extensão do vale de Salinas - lugar onde se passa a história e onde nasceu e viveu Steinbeck -, decide parar o ônibus para admirá-lo enquanto diz aos passageiros que desciam do ônibus:

- Sabem? (...) Sempre pensei que seria ótimo ter uma casa lá em baixo. Um homem pode ter um porco, uma vaca e um ou dois cães. Numa pequena quinta pode criar-se o bastante para se comer. (...) Creio que lhes pode parecer estranho (...) mas gosto sempre de olhar lá para baixo e pensar como um homem pode viver sossegado e em paz num sítio como aquele. (STEINBECK, s/d a, p. 247)

A citação acima forma um mosaico sobre o que o mundo do pequeno proprietário representava para Steinbeck e, conseqüentemente, para sua literatura. Levando-se em consideração que a literatura é um fenômeno humano - uma ação histórica sobre a realidade -, tais romances não são somente investidas no campo literário ou exercícios em estilo, mas formas através das quais Steinbeck procurou lidar com os conflitos e problemas ocasionados pelo desenvolvimento do capitalismo monopolista.

Situando os romances não num tempo indistinto, mas no tempo histórico em que foram pensados e escritos, seu significado se amplia e se transforma, dotando-os de uma envergadura muito maior e reveladora acerca do ambiente no qual foram pensados. Considerando que os romances foram escritos no momento em que a crise econômica havia se estabelecido e que o avanço do capitalismo monopolista e sua dinâmica econômica se tornavam mais e mais visíveis à medida que os pequenos proprietários perdiam suas terras, voltar-se ao passado para celebrá-lo torna-se um ato de repercussões históricas muito expressivas.

Justamente quando a crise se adensava, Steinbeck, na contracorrente

do processo histórico, voltou-se ao passado cuja base material fora inviabilizada pelas transformações econômicas. Ao descrever com minúcias e sensibilidade o cotidiano de um garoto que se encanta com as histórias de seus antepassados que ocuparam a Califórnia, ao retratar os contornos sacros da relação entre homem e terra ou ao mostrar a tranquilidade em que vivem as famílias de pequenos proprietários, é sobre o seu mundo que fala Steinbeck, e de maneira especialmente expressiva por conta do momento em que o fala. Precisamente quando o processo histórico tornava a pequena propriedade e o mundo nela ancorado em algo arcaico foi que Steinbeck se levantou para celebrar suas belezas, contrapondo-se, nesse sentido, à direção para a qual caminhavam as mudanças.

Steinbeck, portanto, não falava diretamente sobre o presente de então, isto é, sobre a destruição gradativa do mundo do pequeno proprietário. Ele opta por olhar para trás ao invés de encarar de frente os problemas postos. Essa atitude não pode ser encarada senão perante os dilemas históricos postos diante do escritor, pois, do contrário, tais livros teriam seu sentido extirpado de sua historicidade. Cabe-nos constatar que em face de tais dilemas, sua reação inicial - no início dos anos 30 - foi a de voltar-se ao passado para recriar o mundo que estava sendo destruído. Essa característica não fez com que suas obras desse período se tornassem menos expressivas enquanto documentos históricos.

Essa leitura histórica se manteve forte na literatura de Steinbeck porque não era somente uma escolha referente ao estilo, mas uma posição e uma visão suas enquanto sujeito histórico e enquanto herdeiro das antigas classes médias rurais. Se trata de sua concepção de literatura, aquilo que ele entende como sendo a função de escrever histórias, o motivo que justifica sua dedicação à escrita da ficção. Essa certamente é uma das principais razões pelas quais a literatura de Steinbeck é tão poderosa enquanto documento histórico: a proximidade essencial entre sua vida e sua literatura, ou o fato de que sua literatura encontrava-se ligada de maneira intrínseca com aquilo que era sua vida e aquilo que era seu posicionamento diante dessa vida e dessa realidade que experimentava.

Se nos primeiros romances dos anos 30 Steinbeck buscou no passado a matéria-prima de sua literatura, no romance que se seguiu, *Boêmios errantes* (1935), o escritor buscou em outro lugar social histórias e personagens para compor seus livros e amparar seus pontos de vista acerca da realidade. Ao invés de voltar-se ao passado centralmente, Steinbeck buscou na vida dos paisanos os exemplos e valores que fomentariam a escrita do romance.

Os paisanos eram, como escreveu o autor,

(...) uma mistura de sangue espanhol, índio, mexicano e caucasiano de várias procedências. Seus antepassados vivem na Califórnia há

mais de cem ou duzentos anos. Falam inglês com sotaque paisano e espanhol da mesma forma. Quando perguntados sobre sua raça, reivindicam, indignados, o puro sangue espanhol e levantam a manga da camisa para mostrar que a parte interna do braço é quase branca. Sua tez, da cor de um usado cachimbo de espuma-do-mar, é descrita por eles como bronzada pelo sol. (STEINBECK, s/d b, p. 8)

Se trata dos sujeitos que habitavam a Califórnia desde os tempos em que o território dos Estados Unidos ainda não havia se consolidado completamente. Sua ocupação daquele espaço, no entanto, não lhes legou uma posição social e histórica estável dentro da sociedade estadunidense, especialmente considerando as transformações econômicas que ocorriam na realidade daquele período em que Steinbeck escreveu seus livros.

Os paisanos mantinham tradições e costumes, remanescentes de seu passado, que não se adequavam bem aos ditames da economia capitalista que se estendia e aprofundava na região da Califórnia. Ao passo que o capitalismo monopolista promulgava ritmos, dinâmicas e regimes de trabalho para a economia estadunidense como um todo, os paisanos foram mais e mais sendo relegados a uma posição subalterna dentro daqueles quadros socioeconômicos. Sua inadequação a rotinas fixas e regulares de trabalho, por exemplo, acabava muitas vezes por fazer com que não integrassem a mão-de-obra constante, e, diante disso, não conseguissem sequer os parcos rendimentos que essa tinha.

O ritmo das transformações colocou os paisanos como sujeitos subalternizados dentro da sociedade e da economia estadunidenses. Isso, no entanto, não fez com que eles deixassem de existir, mas sim que relegou-os às classes mais baixas. Foi exatamente nessa situação que Steinbeck procurou retratá-los, sem, no entanto, focar seu retrato na pobreza, mas mostrando a nobreza cavalheiresca de suas atitudes, de seus valores e de seu modo de vida como um todo.

Boêmios errantes retrata os vagabundos paisanos como figuras muito mais próximas dos Cavaleiros da Távola Redonda do que da imagem de subalternização que eles tinham na sociedade estadunidense. A associação não é gratuita, pois ao trazer coadjuvantes da vida social para a posição de protagonistas de sua história, Steinbeck mais uma vez buscava qualificar a realidade ao retratá-la, como expressa a seguinte passagem:

(...) quando se fala da casa de Danny, fica entendido que significa um grupo composto de homens, do qual emana delicadeza, alegria, filantropia e, no fim, um arrependimento místico. Pois a casa de Danny não era diferente da Távola Redonda e os amigos de Danny não eram diferentes dos cavaleiros pertencentes àquela. (STEINBECK, s/d b, p. 7)

Além do sentido da associação - que faz sujeitos subalternizados se tornarem nobres cavaleiros -, há também o reconhecimento de que os paisanos são delicados, alegres e filantropos. Ao invés de atribuir qualificações negativas a estes - como a realidade histórica em transformação o fazia -, Steinbeck procurou ressaltar suas características positivas, em especial, a ênfase com relação ao caráter de solidariedade para com o outro. As aventuras dos paisanos da casa de Danny foram construídas de modo a enfatizar quão solidários e humanos eles eram, mesmo que a realidade procurasse mostrá-los de outra maneira, isto é, como escória que não se adequava às exigências capitalistas da realidade em transformação.

Tanto os primeiros romances dos anos 30 quanto *Boêmios errantes* são animados por uma leitura histórica romantizada. No primeiro caso, a romantização vem por meio da idealização de um passado em vias de destruição; no segundo, ela vem através do retrato elogioso de um grupo subalternizado pelas dinâmicas sociais e econômicas. Ambas as leituras foram aqui abordadas como forma de trazer à lume o processo através do qual se formou Steinbeck e sua literatura, sendo, portanto, essencial informação para a compreensão do lugar histórico e subjetivo que ocupa o grande romance *As vinhas da ira*, publicado em 1939. Como um fenômeno humano, o romance de 1939 não surge a partir do nada em um tempo indistinto, ele surge a partir de um processo de constituição histórica em que os passos que o compõem são importantes em igual medida. Tanto a trajetória particular do escritor quanto o desenrolar de sua produção literária enquanto interpretação e qualificação da realidade são elementos fundamentais para compreender a envergadura de *As vinhas da ira* em relação à obra de Steinbeck e em relação ao universo sócio-histórico no qual foi escrito.

A trajetória de Steinbeck após a publicação desses romances expressa a constatação feita no parágrafo anterior. Em 1936 o escritor foi contratado pelo jornal *The San Francisco News* para viajar ao Meio-Oeste e investigar as migrações massivas que estavam ocorrendo em direção à Califórnia. Steinbeck conviveu com os migrantes e ouviu suas histórias. Com base nesta experiência ele escreveu uma série de seis artigos que investigam de forma etnográfica, antropológica, sociológica e historiográfica a situação daqueles migrantes, formados por pequenos proprietários que haviam perdido suas terras. Ainda que não haja um rigor teórico ou metodológico nessas abordagens, é sua virulência e sua vivacidade que os dotam de tamanha força e relevância: Steinbeck escarafunhou intensamente a vida daqueles despossuídos, designando-os, inclusive, “ciganos da colheita” (harvest gypsies) (STEINBECK, 1988) por conta de sua condição errante em busca de trabalho.

A experiência de conviver com os despossuídos cotidianamente alterou profundamente a visão e a leitura histórica de Steinbeck. Seus artigos

evidenciam sua solidariedade para com os migrantes, e tal postura alterou a perspectiva de suas obras ficcionais. Se os três primeiros romances da década rememoram o edênico passado perdido, os três últimos se aproximam pela crítica rascante e pela lucidez com que encaram os problemas frontalmente, mostrando-os enquanto processo de decadência das antigas classes médias rurais.

Um breve olhar sobre cada um dos romances daquele período evidencia como a visão de Steinbeck havia se alterado de forma irremediável pelo cruel pragmatismo da realidade histórica. No mesmo ano em que seus artigos jornalísticos vieram a público, foi também publicado o romance *Luta incerta*, que conta a história de uma greve de apanhadores de frutas em Torgas Valley. Esse romance apresenta, apesar da dubiedade² de seu posicionamento ideológico, uma simpatia e uma solidariedade pouco contidas do autor para com os grevistas. De um ponto de vista mais intimista Steinbeck escreveu *Ratos e homens*, em 1937, no qual dois trabalhadores sazonais, George e Lennie, sofrem com a instabilidades daqueles áridos tempos, mudando-se de fazenda em fazenda em busca de trabalho enquanto sonham em um dia conseguir um pedaço de terra para se instalarem por contra própria.

Apesar das abordagens e inflexões serem distintas, as obras falavam da mesma situação e ambas gozavam de uma direção de questionamento muito similar no que diz respeito à solidariedade de Steinbeck para com os despossuídos frente ao poderio gigantesco dos grandes proprietários e especuladores. Essas obras contribuíram para que o escritor atentasse para uma situação histórica ampla, que se conjugava tanto nas mudanças econômicas estruturais quanto na realidade cotidiana. Steinbeck abriu seu olhar para uma perspectiva conjuntural, passando a observar o drama dos pequenos fazendeiros como um problema de proporções maiores e mais profundas do que ele até então havia observado e retratado.

É, pois, nesse momento que foi escrito *As vinhas da ira*, sob a sombra de todos esses acontecimentos e tendo palmilhado o caminho que Steinbeck andara até então. A estrutura de *As vinhas da ira* é simples do ponto de vista literário: é uma narrativa linear, que alterna capítulos nos quais os protagonistas são os membros da família Joad, e capítulos em que a situação histórica é deslindada em suas dinâmicas e estruturas. A trama do livro segue a jornada que os Joad empreendem desde Oklahoma - no Meio-Oeste - até a Califórnia, onde esperavam encontrar uma espécie de terra prometida, de fartura, estabilidade e prosperidade.

² O título do livro em inglês é *In dubious battle*, cuja tradução literal seria “Numa batalha dúbia”. Apesar da dubiedade da batalha travada no livro - e em boa parte da literatura e das posições políticas de Steinbeck -, a simpatia do escritor está do lado dos grevistas, posicionando esse que se expressa, por exemplo, pelo retrato negativo que ele constrói acerca dos grandes proprietários contra os quais protestam os grevistas, e também pela maneira como Steinbeck sobrepõem as reivindicações do movimento com clamores humanistas por justiça.

O livro tem certo tom épico não somente por sua estrutura se assemelhar a uma saga, mas também por conta de *As vinhas da ira* ser um livro que, ao falar dos Joad, falava sobre o grupo social dos pequenos proprietários e das antigas classes médias rurais como um todo. Não é um livro sobre um sujeito ou sobre uma família somente, mas sobre um grupo social, um grande contingente de pessoas cujas trajetórias de vida foram em grande parte similares no que diz respeito a sua decadência frente à crise e às mudanças econômicas.

A alternância dos capítulos não serve ao propósito de criar um simples pano de fundo para a história, visto que a noção de pano de fundo cria a impressão de que a realidade histórica corre ao fundo enquanto a vida dos protagonistas segue seu próprio ritmo tendo as mudanças somente por contexto externo. A alternância de capítulos de *As vinhas da ira* intenta mostrar como a situação dos Joad, enquanto uma família típica de representantes do mundo do pequeno proprietário, estava entranhada no conjunto de mudanças. Não se trata de um pano de fundo histórico, mas da própria história dos Joad e, em larga medida, dos pequenos proprietários na sociedade estadunidense.

Acompanhando os Joad, o leitor parte de Oklahoma, estado de onde eles - e diversas outras famílias - fugiram por conta das intempéries naturais e das contingências econômicas que sobre eles se abateram. A faixa central do território dos Estados Unidos foi fustigada por tempestades de areia, chamadas de *dust bowls*³, nos anos 30, de modo que várias propriedades - em sua grande maioria pequenas e médias - ficaram impróprias para o cultivo. Impossibilitados de cultivar a terra, os pequenos proprietários, arrendatários e meeiros não conseguiram arcar com as dívidas contraídas para o plantio e perderam suas terras ou o direito que até então haviam tido de cultivá-las.

Executando a cobrança das dívidas e os contratos de alienação de bens, os bancos, companhias agrícolas e grandes proprietários expulsaram esses sujeitos, atirando-os na condição de proletariado rural e retirando os pontos de orientação que até então lhes haviam guiado. Nesse caudal de mudanças, diversas famílias passaram a se deslocar para a Califórnia com a ilusão de que esse estado seria sua tábua de salvação.

A história dos Joad é emblemática enquanto síntese da realidade de várias famílias porque eles próprios são um mosaico de diversos sujeitos e situações que Steinbeck encontrou ao longo de suas viagens, conversas e investigações. Isso fica evidente em um dos artigos jornalísticos de 1936, no qual Steinbeck escreveu que “[é] interessante seguir a história de uma família com relação aos medicamentos, o auxílio do trabalho e o auxílio

³ Em tradução literal, *dust bowl* é “tigela de pó”, nome dado em referência ao fato de as tempestades envolverem as propriedades como se uma tigela fosse emborcada sobre elas.

direto.” (STEINBECK, 1988, p. 46) Após isso, o escritor passa a descrever com minúcias as condições em que vive uma família aleatória dos acampamentos de beira de estrada, dando especial ênfase a como ela vai gradualmente tendo sua vida mais degradada. Ao final da espiral decadente que constituiu-se no movimento histórico de muitas famílias de ex-pequenos proprietários e arrendatários, o autor conclui como que a apontar para o que viria a ocupar sua literatura a partir de então: “Isto poderia continuar indefinidamente. Histórias como essa podem ser encontradas aos milhares.”⁴ (STEINBECK, 1988, p. 48)

As vinhas da ira incorpora elementos e percepções das mais diversas experiências de Steinbeck, não somente em relação aos personagens mas também à concepção de literatura e à construção da trama enquanto agência histórica, isto é, como interpretação e denúncia da realidade.

O primeiro capítulo da obra descreve justamente um *dust bowl* a assolador uma fazenda do Meio-Oeste, como atesta a citação abaixo:

- (...) Tem aqui uma fazenda de pêsegos, grande como o diabo, onde tenho trabalhado. Precisa de nove homens só, durante todo o ano. (...) Mas precisa de três mil homens durante duas semanas, quando os pêsegos ficam maduros. (...) Então o que eles fazem? Distribuem impressos por toda a parte. E aí, precisam de três mil homens e vêm seis mil. E eles têm os homens pelo ordenado que querem pagar a eles. Se você não quiser aceitar o que eles pagam, que vá para o diabo, tem mil outros que esperam pelo teu trabalho. (STEINBECK, 1972, p. 332)

Uma fala breve encerra toda uma interpretação da realidade. O personagem que proferiu a passagem acima é um dos que, tendo já experimentado a amargura da realidade californiana em contraponto às ilusões que ele sobre ela alimentava, procura alertar os Joad com relação ao que encontrarão quando chegarem à suposta terra do leite e do mel que é a Califórnia dos seus sonhos. É possível perceber que não há qualquer tipo de univocidade com relação ao que causou a crise em que se encontram os migrantes. Se trata de uma transformação mais profunda, na qual a natureza desempenhou um papel complementar, e não central.

Tais impressos eram parte de um mecanismo muito mais amplo que se tornava mais forte conforme a dinâmica econômica monopolista se espalhava e se consolidava. *As vinhas da ira*, ao contar a história de uma família, fez incursões na realidade mais estrutural do período, percebendo conjunturalmente as transformações históricas em curso.

Os Joad, em função da crise e das mudanças econômicas, perderam

⁴ “It will be interesting to trace the history of one family in relation to medicine, work relief and direct relief.” (p. 46) / “This can go indefinitely. The case histories like it can be found in their thousands” (p. 48) (tradução livre)

a possibilidade de continuar levando a vida estável que vinham levando até então no Oklahoma, assim como muitos outros pequenos fazendeiros, arrendatários e meeiros. Eles migraram para a Califórnia em busca de emprego e melhores condições de vida, assim como muito outros sujeitos desse grupo social. Eles deixaram de ser donos de seu meio de produção e tornaram-se trabalhadores rurais, assim como muitos outros sujeitos. Foram forçados a se incorporar a outra conjuntura econômica em que eram explorados de maneira muito mais violenta.

Os exemplos supracitados, recorrentes no romance em análise, o que desvela a sensibilidade e capacidade interpretativa de Steinbeck em relação à realidade que via e à qual ele se ateu. Como um representante dos valores e da moral das antigas classes médias rurais, ele via com maus olhos o que vinha sendo feito de sua gente, o que levou-o a engajar-se profundamente com sua causa, ocupando-se em sua literatura com a denúncia e o retrato da situação histórica desse grupo dentro do caudal de mudanças nos Estados Unidos.

O senso de tragédia se tornava mais evidente e rascante por conta do fato de que durante longo tempo as antigas classes médias rurais foram a encarnação de uma espécie de mito estadunidense do *self-made man*, o homem engenhoso que se sobressai em relação às determinações e intempéries da realidade, fazendo-se independentemente. Outrora, quando o seu mundo estava com as bases asseguradas, o pequeno proprietário encarnava várias características desse ideal, em parte porque havia dominado o norte do continente e estabelecido-se no Oeste longínquo e supostamente “selvagem”. O contraste existente entre essa situação passada e a situação então presente, em que passaram a ser despossuídos, aparece constantemente nas falas dos migrantes, inclusive na boca da Mãe Joad:

- Nós somos os Joad. O avô de nosso avô combateu na Revolução. A gente era dono de uma fazendinha, até que ficou cheio de dívidas. Então...então veio aquela gente! Que mal eles faziam! Cada vez que eles vinham, parecia que tavam dando em mim...em todos nós. (...) Eu me sentia miserável, me sentia com vergonha. (STEINBECK, 1972,p.420)

O passado de prosperidade continuava sendo uma referência de valores e modo de vida para os despossuídos, e Steinbeck notou essa permanência. O descompasso existente entre o que os despossuídos eram de fato, e o que ainda mantinham como visão de mundo, foi um dos pontos em que Steinbeck mais pôs ênfase, pois certamente foi um dos mais dolorosos aspectos dessa mudança. No passado, sendo donos de sua propriedade e de si próprios na medida em que organizavam suas rotinas,

seu trabalho e sua vida, os pequenos proprietários possuíam estabilidade e cultivaram um modo de vida complexo, que se arraigou profundamente em sua mentalidade. A mudança material pela qual passaram, seja perdendo suas terras ou o direito de permanecer nelas, não significou que todo o ritmo psicológico que governava sua vida pregressas e apagasse instantaneamente, estendendo a confusão e aprofundando a indignação que eles sentiam diante da ruína de seu modo de vida.

Steinbeck levantou seu olhar acima da confusão proximal e distanciou-se epistemologicamente o suficiente para perceber que haviam mudanças sistêmicas acontecendo. Ele foi capaz, desse modo, de identificar mecanismos e dinâmicas que não apareciam tão claramente para seus pares. Ao mesmo tempo, no entanto, ele estava profundamente comprometido com aquele grupo social, ao passo que tornou-se seu maior cronista e aquele que antes se deu conta da trágica dimensão das mudanças.

Percebe-se em *As vinhas da ira* o movimento que Steinbeck fazia do individual para o coletivo e vice-versa. É possível encontrar passagens no romance que se atêm às linhas mais amplas de mudança, do mecanismo de exploração dos trabalhadores rurais. É possível também encontrar passagens intimistas e poéticas, como no trecho a seguir, em que um despossuído se dá conta de sua situação e a de seu vizinho dentro da realidade ensejada pelas mudanças:

O senhor e eu, bem, nós somos o passado. A irritação de um momento, as mil visões - eis o que nós somos. Esta terra, esta terra parda, é o que nós somos; e os anos de chuva e os anos de seca, é o que nós somos. Não podemos começar de novo. A amargura que vendemos com os nossos troços, ele a comprou, mas também nós a temos ainda. E quando os donos da terra disseram-nos para ir embora, é o que nós somos; e quando o trator derrubou a nossa casa, é o que nós seremos até morrermos. (STEINBECK, 1972, p. 117)

Ou, ainda, passagens que sintetizam o espírito do livro com relação à alternância dos capítulos que contam a história dos Joad e os capítulos que buscam capturar a conjuntura como um todo. A passagem a seguir traduz o diálogo constante que Steinbeck propõe através dos dois tipos de capítulos que formam o romance de 1939, isto é, onde se juntam dialeticamente as realidade micro e macro, conjugando-se para construir uma interpretação literária de alcance historiográfico, sociológico e antropológico invejável:

(...) todos eles [*os donos de terras que expulsavam os pequenos proprietários, arrendatários e meeiros*] se referiam a algo mais poderoso que eles próprios. Alguns detestavam os algarismos que os impeliam a assim proceder, e outros ficavam com receio, e ainda outros gostavam da

exigência dos algarismos, porque eles lhes forneciam um refúgio contra os tormentos de sua consciência. Se um banco ou uma companhia comprava uma terra, o dono da terra dizia: O banco, ou a companhia, é que assim quer, ou insiste ou exige, e era o banco ou a companhia que passava por monstro. E o dono da terra não queria tomar a si a responsabilidade dos atos dos bancos ou das companhias, porque estes eram os donos e, ao mesmo tempo, as máquinas de calcular, e eles não passavam de homens, de escravos. (STEINBECK, 1972, p. 45)

Uma análise que congregue os três fragmentos aqui citados mostra como o romance *As vinhas da ira* corrobora uma leitura histórica que estava em vias de formação e consolidação ao longo de todos os anos 30; e como ele foi, nesse ínterim, um romance que buscou desnudar a “ratoeira” (STEINBECK, s/d c, p. 26) em que tinha se convertido a realidade histórica para os pequenos proprietários, arrendatários e meeiros.

Quando um ex-pequeno proprietário se dirige ao seu vizinho dizendo que eles são o passado, não é difícil perceber como Steinbeck estava dando contornos à forma como enxergava a realidade, e como confirmava aquilo que Lígia Chiappini Leite escreveu em seu livro *O foco narrativo*, que a “(...) técnica na ficção está intimamente relacionada com problemas ideológicos e epistemológicos.” (LEITE, 1994, p. 86) Não se trata de uma escolha aleatória, mas de uma escolha que revela uma determinada interpretação da realidade e, conseqüentemente, um determinado posicionamento diante dela mesma. O tom melancólico daquela fatídica constatação não é historiograficamente sem sentido, pois a escolha dele em detrimento de todos os outros possíveis indica a forma como Steinbeck olhava a realidade e como buscou retratá-la. De modo a pôr em relevo os dilemas que os despossuídos enfrentavam no conjunto de transformações, Steinbeck escolheu esse personagem, essa fala e esse tom para mostrar um aspecto importante do problema, justamente o fato de que os representantes do mundo do pequeno proprietário - bem como o modo de vida que sustentavam - se tornavam passado diante da ascensão de uma dinâmica econômica e social bastante diferente daquela com a qual estavam acostumados.

Essa constatação é uma parte de um todo maior, na qual percebemos que a realidade e o modo de vida dos ex-pequenos proprietários se tornou passado e está sendo substituída por modernos e agressivos processos de produção agrícola. Essa realidade encontra-se minimamente caracterizada quando Steinbeck descreve o que se tornava o gerenciamento, o trabalho e a estrutura do campo. Ao mostrar como os bancos, os algarismos e as máquinas de calcular passaram a dominar a produção, o autor trazia para a descrição da realidade elementos típicos do capitalismo monopolista, regime no qual o dono das terras, pela extensão e natureza de sua dominação,

não trabalha na terra, mas a administra à distância.

Através de uma percepção que certamente era a de muitos despossuídos, Steinbeck costura sua narrativa, procurando sublinhar a confusão dos despossuídos e os efeitos negativos dessa dominação à distância. Steinbeck delineia os contornos de uma situação muito maior, que é, por exemplo, a dominação de extensões muito grandes de terras por poucas pessoas ou o fato de que a produção passava a estar muito mais direta e urgentemente ligada às “necessidades” do capitalismo monopolista.

Esse é um dos pontos, aliás, em que Steinbeck insiste: a perda do contato do homem com a terra - esse laço sagrado retratado misticamente em *Ao deus desconhecido* - é uma das rupturas mais marcantes da realidade que se torna hegemônica. Tendo os pequenos proprietários perdido suas terras, ou o direito de nelas permanecer, perdeu-se também a possibilidade de que pudessem cultivá-la com a tranquilidade e proximidade humana com que a cultivavam outrora. A imagem dos tratores “enormes monstros de ferro a moverem-se qual insetos” (STEINBECK, 1972, p. 50) evidencia isso, pois a mecanização agrícola foi um dos mais visíveis aspectos da entrada da pequena propriedade na órbita do capitalismo monopolista. Passagem semelhante é aquela em que Steinbeck descreve um dos desdobramentos da mudança, escrevendo que “(...) quando a safra progredia e a colheita terminava nenhum homem pegava num punhado de terra quente e deixava escorrer entre os dedos. Nenhum homem tocava nas sementes ou sentia alegria com a safra” (STEINBECK, 1972, p. 51), justamente porque os grandes proprietários não cultivavam eles mesmos suas propriedades para compreender os profundos significados do laço homem-terra.

Os sujeitos que foram atraídos pela ilusória oferta de trabalho eram, em grande parte, os mesmos que perderam suas terras no Meio-Oeste. Aqueles que Steinbeck acompanhara na sua viagem a soldo do jornal *The San Francisco News* eram justamente esses que se tornaram personagens de seus livros. Eram sujeitos que, expulsos de sua terra, passaram a errar pelas estradas e, não raro, rumar para a Califórnia crendo nas promessas grandiloquentes desses folhetos enganosos. O que os migrantes não conseguiam perceber, mas que Steinbeck percebeu agudamente, era que o problema dos *dust bowls* ou da perda das terras não era geográfico nem natural, mas sim um problema social e histórico, de modo que mudar para a Califórnia não mudava-lhes a condição social, que passara a ser a de proletariado rural.

O movimento retratado em *As vinhas da ira*, portanto, não é somente o deslocamento físico-geográfico, mas o deslocamento sócio-histórico. Mudavam-se de Oklahoma para a Califórnia, mas mudavam-se também da condição de pequenos proprietários, arrendatários e meeiros para a condição de trabalhadores rurais. Além disso, deslocavam-se historicamente: da situação de prosperidade da era áurea que Tom

Bottomore chegou a chamar de “democracia econômica” (BOTTOMORE, 1970, p. 30) para a situação de decadência que as transformações monopolísticas lhes legou. A crise de 29, nesse sentido, muda de figura: deixa de ser uma crise somente econômica para se tornar uma crise social e humana; deixa de ser um evento episódico para se tornar o ponto abissal de uma conjuntura de crescimento e consolidação de outro regime de capitalismo.

Grande parte do amargor desse processo para o grupo social que Steinbeck retrata advém dessa referência constante ao passado de prosperidade, algo que não ocorria, por exemplo, com os paisanos, que não o tiveram. Steinbeck consegue captar muito bem essa conjuntura da mudança - da “ratoeira” - e o impacto dela por sobre os sujeitos que viviam à sua sombra. O estatuto de clássico de *As vinhas da ira* é devido, em grande parte, à sensibilidade e à agudeza de sua percepção humanista em relação a todo esse processo histórico.

O romance *As vinhas da ira* não pode, diante de tudo quanto foi aqui apontado e discutido, ser desvinculado da complexa urdidura social e histórica que, apesar de todas as metamorfoses subjetivas e literárias, o constituiu em seus aspectos mais recônditos. Ponderando sobre tudo aquilo que influenciou na escrita do romance, torna-se reducionista - ao menos do ponto de vista historiográfico - cotejá-lo “somente” enquanto obra literária. É pouco provável que Steinbeck tenha abandonado toda a preocupação com estilo, mas essa preocupação aparece submetida, em sua obra, a uma preocupação mais abrangente com a denúncia da natureza injusta das mudanças e dos efeitos avassaladores que elas estava tendo sobre grande contingente de pessoas. A literatura de Steinbeck, e especialmente *As vinhas da ira*, não se furtou a encarar a decadência frontalmente, procurando rastrear seus movimentos, estratégias, mecanismos e consequências. Foi no processo de feitura desse romance - e por processo me refiro a todas as reviravoltas pelas quais passou o escritor ao longo de toda a sua vida - que Steinbeck desenvolveu a solidariedade humanista tão pujante em suas obras, seu senso de responsabilidade fatalmente engajado com aqueles sujeitos que a evolução econômica legava à miséria.

Sandra Jatahy Pesavento, ao refletir sobre o possível diálogo entre a história e a literatura, notou que ambas são “(...) representações que se referem à vida e que a explicam.” (PESAVENTO, 2006) Uma tal inferência aponta para a necessidade de que, caso se resolva pesquisar historiograficamente dentro dessa relação, tenha-se o preparo e a sensibilidade para notar onde se distanciam e onde se interseccionam ambas as leituras da realidade. Isso se deve ao fato de que, se por um lado é preciso estar atento às armadilhas de similaridade via narrativa, por outro tem-se que a realidade é o denominador de ambas, e que, por conta disso,

não serão nunca comunicáveis ou completamente estranhas uma a outra.

A exegese e a discussão aqui propostas se fiaram precisamente nesse pressuposto, o de que existe um possível diálogo entre a literatura e a história. Se a promoção de tal diálogo exige a compreensão dos limites e peculiaridades de cada construção e de cada escritura, isso não nos deve desencorajar tendo em vista as recompensas que ele possibilita quando bem conduzido. Creio que a obra de Steinbeck, por peculiar que seja dentro do grande universo da literatura e por mais que não contemple em si a totalidade da literatura, não deixa de ser um estudo empírico profícuo e rico em suas possibilidades e considerações.

O romance *As vinhas da ira*, em face de toda essa discussão, não deixa de ser uma obra literária de ficção, mas, ao mesmo tempo, é muito mais do que isso. É um fenômeno humano, é a agência e inserção históricas de um sujeito perante um mundo em mudança. É o legado vivo de um sujeito que buscou investir contra a intempérie do tempo e das injustiças, é um ato de ousadia que ergueu-se contra uma conjuntura de mudança que gradualmente engoliu o mundo dos pequenos proprietário a despeito dos sacrifícios humanos que teve de levar a cabo para seus intentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARAN, Paul; SWEEZY, Paul. *Capitalismo monopolista - Ensaio sobre a ordem econômica e social americana*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

BOTTOMORE, Tom B. *Críticos da sociedade - O pensamento radical na América do Norte*. Trad. José Ricardo Brandão Azevedo. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

LEITE, Lúgia Chiappini Moraes. *Ofoco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MILLS, C. Wright. *A nova classe média*. 3. ed. Trad. Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>

STEINBECK, John. *As pastagens do céu*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d a.

_____. *As vinhas da ira*. Trad. Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

_____. *Boêmios errantes*. 3. ed. Trad. José Sanz. Rio de Janeiro: Record, s/d b.

_____. *Luta incerta*. 2. ed. Trad. A.B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, s/d c.

_____. *The harvest gypsies: On the road to The grapes of wrath*. Berkeley: Heyday Books, 1988.